

MEMÓRIA DO FUTURO: A OUTRA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

Bravo Nico

jbn@uevora.pt

Departamento de Pedagogia e Educação

Universidade de Évora

Palavras-Chave: Formação de Professores; Gestão curricular, Empregabilidade docente

Introdução

O processo de construção de uma identidade profissional, por parte de jovens estudantes universitários, assume-se, nos tempos que correm, uma realidade bastante complexa, atendendo à fragilidade vocacional de grande parte das escolhas que aqueles realizam, aquando da conclusão do ensino secundário e, por outro lado, à grande dificuldade em encontrar um emprego adequado às expectativas e às qualificações.

Foi com base na constatação desta realidade que, desde 2001, alguns estudantes dos Cursos de Formação de Professores da Universidade de Évora têm vindo a concretizar um percurso curricular, no qual têm vindo a ter contacto académico com profissionais em exercício de funções e a participar em alguns projectos educativos de matriz comunitária. Grande parte deste percurso curricular de natureza *infusional* (Almeida, 1993, in Nico, 2000) tem vindo a acontecer no seio das disciplinas de Educação Comunitária.

Duas consequências principais têm resultado, em nosso entender, desta prática infusional: o contacto académico com profissionais em exercício e a actividade prática em contexto real, em momento anterior ao exercício profissional, parece revelar-se um

potente instrumento de consolidação vocacional e de construção de uma identidade docente, tal como é também referido por Carvalho (2005) . Por outro lado, verifica-se que a empregabilidade dos(as) jovens licenciados(as) tem aumentado significativamente na fileira do emprego relacionada com a Educação Comunitária e Social, particularmente no seio de Instituições Particulares de Solidariedade Social, Associações Culturais e Educacionais e em autarquias locais.

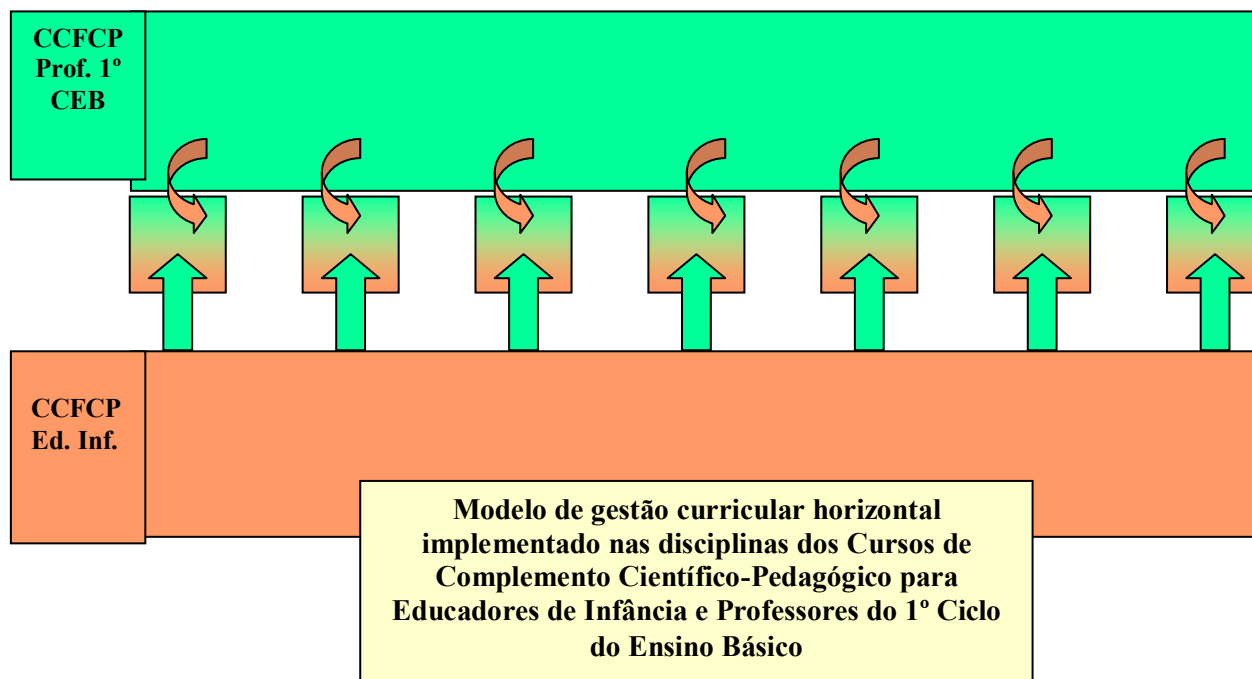
O modelo curricular promotor de *memórias do futuro*

Tudo começou com a criação, na Universidade de Évora, dos Cursos de Complemento de Formação Científica e Pedagógica para Educadoras(es) de Infância e Professoras(es) do Primeiro Ciclo do Ensino Básico (CCFCP), iniciados no ano lectivo 2000/2001 e que foram, na época, um importante momento de reflexão e de alguma inovação, ao nível da organização e gestão curriculares.

No primeiro ano de funcionamento destes dois cursos, foi implementada, nos programas e planeamentos didácticos de algumas das disciplinas constantes dos respectivos planos de estudo, uma *gestão curricular horizontal*, que consistiu na construção de momentos de aprendizagem concomitantes para educadoras(es) de infância e para professoras(es) do 1º Ciclo do Ensino Básico.

No segundo ano de funcionamento destes dois cursos, a par da continuação do modelo de *gestão curricular horizontal*, ocorreu a concretização de um modelo de *gestão curricular vertical*, com o qual se tentou a criação de ambientes de aprendizagem simultânea para os estudantes de ambos os cursos de complemento, bem como para os estudantes dos cursos de formação inicial equivalentes (Licenciaturas em Educação de Infância e em Ensino Básico – 1º Ciclo). Aproveitava-se, assim, o facto de alguns dos estudantes dos cursos de complemento serem, simultaneamente, docentes que cooperavam na prática pedagógica supervisionada, no âmbito da formação dos estudantes de formação inicial.

Figura 1. A Gestão Curricular Horizontal



Do plano de estudos do 1º ano de ambos os cursos de complemento de formação, faziam partes disciplinas anuais como a Pedagogia, as Didáticas da Leitura e da Escrita, da Matemática e das Ciências do Meio Físico e Social e duas disciplinas semestrais – Temas Aprofundados de Psicologia do Desenvolvimento e Expressões não Verbais I.

No propósito de promover uma gestão curricular integrada no seio destes cursos, o Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora (DPE) optou por atribuir a leccionação das disciplinas dos referidos cursos a docentes em exercício de funções nesta instituição universitária.

Assim, e como se tratavam de níveis de educação e ensino muito próximos, alguns docentes, sensíveis e conhecedores do trabalho realizado por estes grupos profissionais, propuseram-se promover uma formação, onde as aprendizagens e todos os trabalhos de partilha fossem realizados, no tempo e no espaço, em simultâneo pelas duas turmas.

Coerente com esta abordagem curricular, o **processo avaliativo**, acordado por todos, baseou-se na construção de um *dossier auto-formativo*, composto por relatos de actividades de sala, fichas de aprendizagem, fichas de materiais e fichas bibliográficas, e ainda por um estudo autónomo, isto é, uma investigação substanciada por uma análise reflexiva sobre um aspecto particular da prática pedagógica, à luz de uma corrente psico-pedagógica.

Concomitantemente com esta gestão curricular horizontal, que permitiu um diálogo muito interessante entre Educadoras(es) de Infância e Professoras(es) do 1º Ciclo do Ensino Básico – condição fundamental para criar um ambiente de aprendizagem mais académico e aberto –, foi promovida uma *gestão curricular de natureza vertical* (cf. Figura 2).

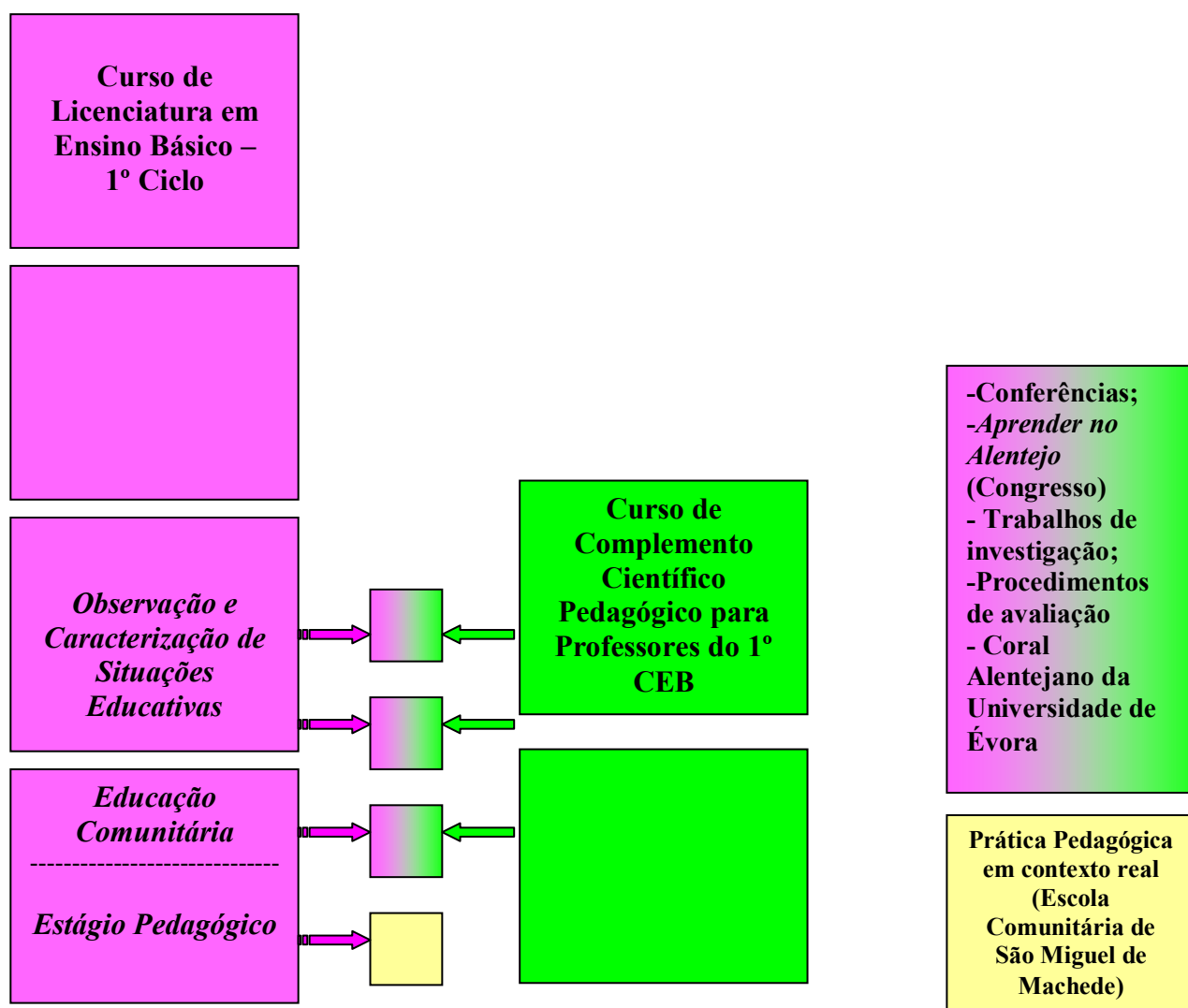
Esta abordagem vertical tinha, como grande finalidade, promover outros dois tipos de diálogos:

- O diálogo entre os jovens estudantes e as(os) educadoras(es) e as(os) professoras(es); um diálogo entre diferentes ciclos de vida profissional;
- O diálogo entre os jovens estudantes e os eventuais contextos profissionais onde poderiam exercer a sua profissão; um diálogo entre o presente e uma eventual memória do futuro.

Na realidade, a presença simultânea de largas dezenas de estudantes com idades diferentes e localizados em coordenadas muito distintas dos respectivos ciclos profissionais – enquanto uns se encontravam ainda na formação inicial, outros encontravam-se já muito perto das respectivas aposentações – era uma oportunidade extraordinária de promover um diálogo intergeracional. Este diálogo poderia promover dois movimentos de igual importância:

- a) um *movimento de alunização* (Nico, 1997), através do qual os educadores e professores poderiam readquirir algumas das rotinas e das curiosidades próprias de um estudante universitário;
- b) um movimento de *sedimentação vocacional*, através do qual os jovens estudantes poderiam ganhar alguma confiança nas decisões vocacionais e nas expectativas relativamente ao seu futuro profissional

Figura 2. A Gestão Curricular Vertical



No sentido de concretizar o modelo de *gestão curricular vertical*, atrás referido, foi decidido promover a criação de espaços e tempos de aprendizagem simultâneos para todos os estudantes dos cursos de formação inicial e de pós-graduação.

Estes ambientes de aprendizagem contemplaram, em primeiro lugar, actividades nas quais houve a preocupação de promover o contacto e o trabalho conjunto entre estudantes dos cursos de formação inicial e os estudantes dos cursos de complemento.

Acresce dizer que alguns dos jovens estudantes se encontravam, na época, envolvidos em actividades de prática pedagógica supervisionada nas salas dos

professores e educadores que frequentavam os cursos de complemento. Tal facto foi extremamente interessante, uma vez que, encontrando-se com estatutos diferentes na prática pedagógica supervisionada, todos se encontravam, em determinados momentos dos respectivos percursos académicos, com o mesmo estatuto de estudantes, aprendendo os mesmos conteúdos, desenvolvendo as mesmas competências, sujeitos aos mesmos procedimentos de avaliação e participando nos mesmos eventos científicos.

Numa outra dimensão, na disciplina de Educação Comunitária, foi desenhado um plano curricular que assumiu, desde o início, uma forte preocupação em possibilitar, aos estudantes, o contacto com a realidade educacional existente em muitas instituições não escolares. Esta preocupação teve sempre o objectivo de contribuir para a solidificação das opções vocacionais e para a prospecção de corredores de realização profissional e pessoal.

Ao longo dos últimos anos, na disciplina de Educação Comunitária, dezenas de jovens estudantes tiveram contacto com ambientes de aprendizagem muito diversos e, aí, têm contribuído, com o seu trabalho e a sua disponibilidade – muitas vezes voluntária – para a promoção e concretização de diferentes projectos educativos.

Nesta gestão curricular, de natureza infusional, tem sido possível, para alguns estudantes, a construção de memórias do seu próprio futuro profissional, o que se tem revelado uma dimensão muito importante para a taxa de empregabilidade que se tem verificado.

Conclusão

A experiência curricular, que aqui se relatou, continua em funcionamento, na Universidade de Évora, pese embora tenham terminado os Cursos de Complemento.

No entanto, no âmbito dos Cursos de Formação Inicial (1ºs Ciclos), a *gestão curricular vertical* continua, agora, no âmbito das disciplinas de Educação Comunitária e de Desenvolvimento Curricular.

No ano lectivo 2007/2008, a Universidade de Évora propôs a criação de um Curso de Mestrado (2º Ciclo) na área de Educação Comunitária, atendendo ao efeito

gerador criado pelo modelo de gestão curricular implementado na disciplina existente, anteriormente, no Curso de Licenciatura em Ensino Básico (1º Ciclo). Este facto é revelador do impacto que a abordagem curricular nesta área tem tido, ao nível da oferta formativa na Universidade e também do nível de empregabilidade dos estudantes nesta dimensão, o que tem sido bastante evidente nos estudos de acompanhamento profissional que têm sido realizados pela instituição.

Estamos convictos de que abordagens curriculares de natureza infusional proporcionam oportunidades de os estudantes solidificarem as suas decisões vocacionais e de descobrirem novos corredores de realização profissional e, muitas vezes, pessoal.

A *memória do futuro*, nos tempos que vamos vivendo, caracterizados pela incerteza de uma sociedade em rápida mudança económica, social e cultural, é, para os jovens estudantes, uma poderosa âncora na qual poderão alicerçar a construção, reforço ou reorientação dos respectivos projectos de realização profissional e pessoal.

Nesse diálogo com o futuro, parece-nos fundamental o contacto com as vivências daqueles que, já tendo percorrido alguns dos ciclos profissionais que esperam o jovem, lhes podem transmitir alguns dos mais importantes fragmentos do ideal e da missão que sempre perseguiram.

Referências bibliográficas

Carvalho, Luísa (2005). *(Des)Encontros com a realidade: a trajectória profissional dos licenciados em Ensino Básico – 1º Ciclo formados pelas instituições de ensino superior público do Alentejo, entre os anos de 2001 e 2003.* (dissertação de mestrado, policopiada). Évora: Universidade de Évora.

Nico, B. (1997), “Alunização no Ensino Superior: Aprender a ser aluno”, in *Educare Educere*, Ano II, pp.123-129.

Nico, B. (1998). “Currículo Universitário: da geometria cartesiana à relatividade einsteiniana”. In J. Pacheco *et al* (Orgs.). *Reflexão e Inovação Curricular - Actas do III Colóquio sobre Questões Curriculares*. Braga: Universidade do Minho, 167-175.

NICO, B. (2001), *Tornar-se Estudante Universitário: contributo do Conforto Académico na definição de uma estratégia curricular de sucesso* (tese de doutoramento, policopiada), Évora, Universidade de Évora.

Pineau. G. (1988). “A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação”. In A. Nóvoa & M. Finger (Orgs.). *O método (auto)biográfico*. Lisboa: Ministério da Saúde, 63-77